

EXPRESSIONES IDIOMÁTICAS, METÁFORAS E ENSINO DE LÍNGUAS

Ariane Lodi

Marilei Amadeu Sabino

RESUMEN. En este estudio se analizan algunas expresiones idiomáticas de los idiomas italiano y portugués, con el fin de investigar la proporción en que sus metáforas son iguales, similares o diferentes en ambos idiomas. Esta investigación se basó en estudios sobre la metáfora conceptual de Lakoff y Johnson (2002 [1980]), así como sobre fraseologismos y expresiones idiomáticas (o locuciones) desarrollados por algunos autores como Zuluaga (1980), Tagnin (1989), Tonfoni y Turbinati (1995), Corpas Pastor (1996) y Xatara (1998). A través del análisis, llegamos a la conclusión de que gran parte de las expresiones estudiadas son estructural y semánticamente iguales o semejantes, incluso en relación con las metáforas empleadas, una coincidencia que nos permite hacer algunas consideraciones sobre el italiano y el portugués.

Palabras clave: expresiones somáticas, expresiones idiomáticas, metáforas, enseñanza de idiomas.

ABSTRACT. In this study we analyze some somatic idioms of Italian and Portuguese languages, in order to investigate the proportion in which their metaphors are the same, similar or different in both languages. This research was based on Lakoff and Johnson's (2002 [1980]) studies about conceptual metaphor, as well as on studies about phraseologisms and idiomatic expressions developed by some authors as Zuluaga (1980), Tagnin (1989), Tonfoni and Turbinati (1995), Corpas Pastor (1996) and Xatara (1998). Through the analysis, we conclude that much of the studied expressions are structurally, semantically, and metaphorically identical or similar in both languages. These results have allowed us to make some considerations on Italian and Portuguese somatic idioms.

Keywords: somatic idioms, idiomatic expressions, metaphors, language teaching.

RESUMO. Neste estudo analisamos algumas expressões idiomáticas somáticas do italiano e do português, com a finalidade de averiguar em que proporção as suas metáforas são iguais, semelhantes ou diferentes, nos dois idiomas. Para a realização da investigação, fundamentamos nos estudos sobre metáfora conceitual, de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), bem como sobre fraseologismos e expressões idiomáticas, realizados por diversos autores da Área, tais como Zuluaga (1980), Tagnin (1989), Tonfoni e Turbinati (1995), Corpas Pastor (1996) e Xatara (1998). Pela análise, concluímos que boa parte das expressões estudadas são estrutural e semanticamente iguais ou semelhantes, inclusive no que respeita às metáforas empregadas, coincidência esta que nos permite tecer algumas considerações.

Palavras-chave: expressões idiomáticas somáticas, metáforas, ensino de línguas.



Signo y Señá, número 23, junio de 2013, pp. 165-189

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

1. INTRODUÇÃO. O domínio lingüístico de expressões idiomáticas (doravante EIs) em um idioma é inegavelmente de extrema importância para qualquer profissional da área ou aprendiz que se propõe a estudá-lo, tanto enquanto língua materna mas, principalmente, quando se trata de língua estrangeira (LE). Isso porque saber usar e compreender um bom repertório de EIs garante, ao interessado, atingir níveis mais avançados de proficiência na língua estudada, seja ela qual for. As EIs apresentam-se como uma rica fonte de manifestação cultural, pois expressam modos de ver o mundo advindos da experiência popular. Por isso, muitas vezes, retratam aspectos da vida em comunidade, pondo em evidência valores sócio-culturais por meio do material lingüístico que as constitui.

Constata-se, todavia, que os dicionários bilíngües ainda são muito falhos, no que diz respeito ao registro e tratamento desses fraseologismos lingüísticos.

Assim, para esta pesquisa, investigamos dezenas de expressões idiomáticas somáticas bilíngües, presentes em lexias relacionadas aos membros superiores ou partes do corpo humano localizadas da cintura para cima, objetivando, primeiramente, a elaboração de um material lexicográfico bilíngüe especial de EIs, na direção do italiano para o português. O processo compreendeu, primeiramente, a identificação e seleção dessas EIs e, por fim, sua definição e tradução. Em um segundo momento, procedeu-se à análise comparativa das metáforas presentes nas EIs, visando averiguar em que proporção são iguais, semelhantes ou diferentes, na língua italiana em contraste com a portuguesa, na variante brasileira.

Todavia, para desenvolver uma pesquisa dessa natureza, é imprescindível deixar claro o que se entende por fraseologismos, expressão idiomática, bem como por metáfora.

2. FRASEOLOGIA E FRASEOLOGISMOS. Considerada uma área de estudos da Lexicologia, a fraseologia situa-se, mais especificamente, no campo dos estudos do léxico e ocupa-se das combinações lexicais estáveis formadas, segundo alguns autores, por duas ou mais palavras, ou, na opinião de outros, por mais de duas palavras.

Não há, ainda, um consenso entre os pesquisadores sobre o âmbito de estudo dessa disciplina, nem tampouco sobre a terminologia utilizada, ou ainda, sobre os limites que separam os diferentes tipos de unidades fraseológicas (doravante UFs) estudadas.

Abaixo se encontram as características mais relevantes das unidades fraseológicas, segundo Corpas Pastor (1996), interpretadas por nós:

- a. a *frequência*, tanto de uso dessas combinatórias, quanto de co-ocorrência de seus elementos constitutivos;
- b. a *institucionalização*, sinônimo de convencionalização pela comunidade falante, graças, principalmente, à frequência de ocorrência e a sua fixidez formal e semântica;
- c. a *estabilidade*, no sentido de fixidez (ou estabilidade) formal e de fixidez de conteúdo (ou peculiaridades semânticas), aspectos estes estritamente relacionados, dado que a fixidez formal leva à mudança semântica;
- d. a *variação*, que é uma característica presente em algumas UFs que possuem variantes (variações léxicas), entendidas como formas alternativas parcialmente idênticas em sua estrutura e componentes e que não apresentam diferenças de sentido;
- e. a *gradação*, que baseia-se nos critérios de grau de restrição colocacional (ausência de restrição, restrição parcial e restrição total), de fixidez sintático-estrutural (regular, regular com restrições e irregular) e de opacidade semântica ou idiomaticidade (semanticamente transparentes, metafóricas, semi-transparentes e opacas);
- f. a *idiomaticidade*, propriedade semântica de certas unidades fraseológicas, em que o significado global não corresponde à somatória do sentido de cada um de seus elementos constituintes.

Corpas Pastor (1996) propõe, ainda, uma definição para fraseologismos ou unidades fraseológicas que nos parece bastante razoável:

[Unidades fraseológicas] são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior situa-se no nível da oração composta. Tais unidades caracterizam-se por sua alta frequência de uso, e de co-ocorrência de seus elementos integrantes; por sua institucionalização, entendida em termos de fixidez e especialização semântica; por sua idiomaticidade e variações potenciais, assim como pelo grau em que ocorrem todos estes aspectos nos diferentes tipos (Corpas Pastor 1996, 20)¹.

1 As traduções de todas as citações de obras originais estrangeiras, presentes neste artigo, são de nossa autoria.

Em sua definição, entretanto, não concordamos com o fato de serem “unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas”, visto que, desse modo, ficam excluídas dos fraseologismos combinações de apenas duas palavras. A nosso ver, os fraseologismos são combinações formadas por pelo menos duas palavras gráficas.

3. EXPRESSÃO IDIOMÁTICA. As expressões idiomáticas, que são um dos tipos de fraseologismos reconhecidos, receberam diversas definições desde meados do século XX. Dentre elas, uma definição importante foi elaborada por Zuluaga (1980):

as expressões idiomáticas são construções lingüísticas fixas cujo sentido não pode estabelecer-se a partir do significado dos elementos componentes, nem do significado da sua combinação. Assim, os componentes (todos ou alguns) de uma expressão idiomática perdem sua identidade semântica própria. Desta maneira o significado real e total de expressões como “bater as botas”, “ficar em cima do muro” [...] não é uma soma dos significados individuais e literais dos componentes das expressões. O significado de “bater as botas” pode ser identificado por um só vocábulo: morrer. [E] “Ficar em cima do muro” significa “não tomar partido” (Zuluaga 1980, 122; apud Roncolato 1996, 29).

Ainda no que tange às *expressões idiomáticas*, Tagnin (1989, 42-45) as distingue das chamadas *expressões convencionais*. Para ela, enquanto as últimas são estruturas consagradas, com significado transparente ou literal (como em *estar de folga*), as primeiras possuem sentido não-composicional, não-transparente, isto é, seu significado não é previsível ou “não resulta da somatória dos significados de suas partes”.

Em relação à idiomaticidade, Tagnin (1989, 47) também reconhece que “a idiomaticidade de uma expressão pode ser apenas parcial”, ou seja, é um aspecto que pode existir em maior ou menor grau. Por isso, afirma que muitas expressões podem não ser totalmente idiomáticas, mas podem “apresentar maior ou menor grau de idiomaticidade”. Desse modo, sendo a idiomaticidade uma questão de grau, Tagnin sugere analisar as expressões idiomáticas numa escala: na parte mais baixa, estariam as expressões menos idiomáticas; e na mais alta, as que são totalmente idiomáticas. As expressões denominadas *menos idiomáticas*, são aquelas “em que apenas um ou alguns de seus elementos são idiomáticos”, ou ainda, “as expressões metafóricas cuja imagem seja de fácil decodificação”; já as *totalmente idiomáticas* são aquelas “que nenhum de seus constituintes contribui com seu significado, para o significado total da expressão”.

Nesse sentido, Tonfoni e Turbinati (1995) também descrevem três níveis de dedutibilidade de nível pragmático, que são:

- a. alta dedutibilidade (expressão metafórica com nível pragmático imediatamente dedutível);
- b. média dedutibilidade (expressão metafórica com nível pragmático que depende do nível semântico);
- c. baixa ou nula dedutibilidade (expressão metafórica sem ligação aparente entre o nível pragmático e o nível semântico).

Em momento oportuno, neste trabalho, retomaremos as discussões sobre estes três níveis ou graus de idiomaticidade abordados.

Enquanto empregamos o termo expressão idiomática para combinações que apresentam sentido idiomático, Corpas Pastor (1996) utiliza o termo “locuções”.

Tradicionalmente, o termo *locução* designa “construção fixa integrada por um conjunto de palavras com significado unitário e gramaticalmente equivalente, em geral, a um elemento único capaz de desempenhar diferentes funções gramaticais” (*Dicionário de Lingüística* DDL). No entanto, tanto Casares quanto Corpas Pastor (1996) ampliam bastante seu conceito.

Para Casares (1950 [1992]), o conceito de *locução* passa a incluir não só as unidades que possuem uma função determinada na frase, mas também a abranger elementos oracionais. Além do mais, o sentido da locução, para Casares, “não se justifica pela soma do significado normal dos componentes”, o que faz referência a sentidos idiomáticos.

Corpas Pastor (1996) utiliza o termo *locução* para referir-se a “unidades fraseológicas do sistema da língua com as seguintes características distintas: fixidez interna, unidade de significado e fixidez externa”. Acrescenta, ainda, que a coesão semântica reflete-se no caráter de unidade de significação que tais unidades apresentam na língua, seja em seu significado composicional (ex: *sano y salvo* = “são e salvo”), seja em seu significado translato (ex: *meterse en camisa de once varas* = “entrar/colocar alguém numa fria”).

Seu conceito de *locução* é bastante amplo e abarca outros tipos de combinações, diferentes das tradicionais locuções apresentadas pelas gramáticas. Essa autora, todavia, assume que optou pelo termo tradicional *locução*, que considera ser uma denominação alternativa para *expres-*

são idiomática, para evitar que as locuções fossem entendidas como combinações que apresentam sempre sentido translato. Assim, Corpas Pastor (1996) deixa claro que, para ela, a locução pode ou não apresentar significado translato. No entanto, quase sempre se refere ao termo *locução*, fazendo referência a combinatórias que possuem sentidos idiomáticos.

Assim, por entendermos que *a locução* pode ou não ter sentido conotativo ou metafórico, preferimos usar o termo *expressão idiomática* a qual, como o próprio nome sugere, tem sempre sentido opaco ou idiomático, em maior ou menor grau.

Neste trabalho não trataremos das características que distinguem outros tipos de fraseologismos entre si. Discussões dessa natureza podem ser encontradas em Sabino (2010a, 2010b).

Não obstante, com base nas considerações de Corpas Pastor (1996), esboçaremos, a seguir, as características das EIs que acreditamos ser mais relevantes:

- a. Possuem *configuração multivocabular* (no nosso entender, são constituídas de duas ou mais palavras).
- b. São lexias complexas *indecomponíveis*, ou seja, constituem *combinatórias fechadas* de palavras. Isso quer dizer que essas palavras estão dispostas em uma ordem invariável e não podem ser separadas por outras. Contudo, embora bastante restrita, em algumas EIs há a possibilidade de inclusão de algum elemento lexical.
- c. Pelo fato de serem *combinatórias fechadas* (ou combinações estáveis), apresentam quase nenhuma possibilidade de substituição por associação paradigmática. Todavia, admitem, por vezes, a possibilidade de comutação de algum de seus elementos constituintes.
- d. Algumas EIs apresentam *variantes (variações léxicas)*, entendidas como formas alternativas, parcialmente idênticas em sua estrutura e componentes e que não apresentam diferenças de sentido.
- e. Possuem sentido conotativo, não podendo ser interpretadas literalmente (pois perderia seu sentido figurado), quer dizer, seu significado não pode ser calculado a partir da soma dos significados individuais de seus componentes. Ex: bater as botas.
- f. Podem apresentar maior ou menor *grau de idiomaticidade*: (1) opacidade semântica baixa (sentido semi-transparentes ou metafórico, mas cuja imagem seja de fácil decodificação = “metáfora desgastada”); (2) opacidade semântica média (idiomaticidade apenas parcial); ou (3)

- opacidade semântica alta (sentido completamente opaco ou não-dedutível a partir dos elementos constituintes da expressão).
- g. São combinatórias *cristalizadas e convencionalizadas*, quer dizer, é necessário que sejam facilmente reconhecidas e que tenham seu uso consagrado pela tradição cultural do grupo lingüístico em que foram criadas.
 - h. Em conseqüência da convencionalização pelo grupo lingüístico, devem ser ou já terem sido *freqüentes* por um número considerável de falantes da língua.
 - i. São combinatórias estruturalmente constituídas por enunciados incompletos, que necessitam ser atualizadas no discurso, seja no que se refere ao sujeito, verbo ou complementos.

Mais tarde, embasada nestes e em outros autores, Xatara (1998, 17) define *expressão idiomática* (EI) como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”, possuindo, assim, as características de indecomponibilidade, de conotação e de cristalização.

O primeiro aspecto (a indecomponibilidade) leva em conta seu caráter de combinatória fechada, ou seja, as EIs não podem apresentar quase nenhuma possibilidade de substituição por associação paradigmática. São, portanto, sintagmas indecomponíveis de distribuição única ou muito limitada. Seus componentes não podem ser dissociados sem prejuízo de sua interpretação semântica que, por sua vez, não pode ser calculada com base nos significados individuais de seus elementos.

O segundo aspecto (a conotação) deixa explícito que o significado da EI não pode ser originado a partir da somatória dos significados individuais de seus elementos, isto é, seus componentes perdem sua identidade semântica e passam a designar outra coisa que não aquela que lhe é própria. Assim, se o significado de uma expressão puder ser calculado a partir da soma de seus componentes, esta não pode ser chamada de idiomática.

O terceiro de seus aspectos (a cristalização) preconiza que a expressão idiomática tenha também seu uso consagrado pela tradição cultural do grupo lingüístico em que ela foi criada, pois sua cristalização, determinada pela história sócio-lingüístico-cultural de um povo, é que lhe confere estabilidade.

Segundo Xatara (1998), essa estabilidade, porém, é relativa, pois se tem consciência de que a língua se transforma ao longo do tempo, já que o falante participa da construção e cristalização dos usos e significados lingüísticos. Assim sendo, para que uma lexia seja uma EI, é necessário que seu uso seja ou tenha sido freqüente por um número considerável de pessoas, quer dizer, deve ser constatada a freqüência de seu emprego pela comunidade dos falantes daquela língua e é este o processo denominado *cristalização*.

Para a realização deste nosso trabalho, apoiamo-nos na definição de Expressão Idiomática proposta por Xatara (1998), a qual está em consonância com as idéias dos demais autores citados nesta subseção.

4. METÁFORA. Lakoff e Johnson (2002) avaliam as metáforas como estruturadoras não apenas de nossa linguagem, mas também dos nossos pensamentos, atitudes e ações, visto que, sendo o nosso sistema conceitual, em grande medida metafórico, mesmo atividades que realizamos cotidianamente (como a maneira como pensamos, aquilo que vivenciamos e o que fazemos) também são, em grande parte, tipos de metáforas.

Como exemplo, esses autores citam a metáfora de que *uma discussão é uma guerra*. Isso faz com que, em uma discussão, pensemos realmente como se estivéssemos em uma guerra. Um interlocutor quer que o outro se renda, quer derrubar os seus argumentos e disso podemos observar que, muito do nosso pensamento e da nossa linguagem, referente a uma discussão, tem também elementos relacionados à guerra. O interessante é que isso tudo depende da cultura de cada povo. Assim, ao considerarmos os nativos de um país em que nunca teria ocorrido uma guerra —e que, por isso, não saberiam o que é isso— a visão deles de discussão provavelmente seria outra.

Disso resulta que, muitas EIs de uma língua estrangeira (no caso de nossa pesquisa, do italiano), apesar de possuírem equivalentes idiomáticos/metafóricos em outro idioma (no caso, em português), devido às diferenças culturais existentes entre os países, farão alusão a diferentes metáforas. Por outro lado, há também inúmeras EIs, de duas ou mais línguas que, por alguns fatores, fazem alusão a uma imagem metafórica idêntica ou (muito) semelhante.

A linguagem figurada, portanto, “não é mais considerada algo desviante, marginal ou periférico, mas sim um fenômeno central na linguagem e no pensamento, sendo onipresente em todos os tipos de linguagem, na co-

tidiana e científica inclusive” (Lakoff e Johnson 2002, 21). Assim, para Lakoff e Johnson (1980),

a metáfora, cuja essência é entender e experimentar um tipo de coisa no lugar de outra, é um recurso que facilita a conceitualização, estruturação do significado e é, por isso, um fator ativo no processo cognitivo, ou seja, na nossa compreensão do mundo (Lakoff e Johnson 1980, 41).

Segundo Lakoff e Johnson (2002), as metáforas refletem e reproduzem as visões de mundo de uma comunidade. Por meio delas, compreendemos conceitos abstratos e realizamos pensamento abstrato. Elas nos permitem utilizar um conceito altamente estruturado e claramente delineado para estruturar um outro, isto é, um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro.

Ibarretxe-Antuñano (2008, 15) apresenta uma definição de metáfora, na lingüística cognitiva. Para ela a metáfora “é entendida como um mapeamento ou uma correspondência entre dois domínios conceituais, em que as propriedades de um domínio (o fonte) são transferidas a outro domínio (o meta)”. São nesses termos que as metáforas “nos possibilitam a compreensão de um domínio de experiência em termos de outro” (Lakoff e Johnson 1980, 135).

Os usuários criam essas analogias quando percebem que não dispõem de recursos, em seu inventário lingüístico, capazes de atender às suas demandas expressivas em determinadas situações de comunicação.

Pesquisas embasadas na lingüística cognitiva defendem que as categorias conceituais não são desincorporadas e independentes do ser humano; nós as criamos baseados em nossas experiências concretas e sob as restrições impostas pelos nossos corpos (*embodiment hypothesis*). As formas lingüísticas são ativadas pelos sentidos que residem em nossos cérebros e em nossas mentes. Assim, tanto o sentido quanto a estrutura lingüística são estabelecidos por meio de nossas experiências físicas e corpóreas, pela nossa necessidade de dar sentido ao mundo e de nos comunicar. Desse modo, só se tem acesso a uma realidade se for por meio da categorização humana. A estrutura semântica dessa realidade, que é produto da mente humana, reflete as categorias mentais que as pessoas formaram a partir de suas experiências e de sua compreensão do mundo.

A hipótese da corporeidade, segundo a qual nossas experiências corpóreas servem como ponto de partida para o processo de conceitualização, comporta, contudo, duas correntes de pensamento: a primeira sus-

tenta a concepção de que a mente apresenta aspectos universais, deixando de lado as dimensões socioculturais da cognição humana. “As associações conceituais entre os domínios fonte e meta são geralmente consideradas universais, uma vez que são estabelecidas sobre bases experimentais corpóreas, isto é, sobre a experiência humana com o corpo”, como é o caso desta pesquisa que trata de expressões idiomáticas somáticas (Ibarretxe-Antuñano 2008, 15). Esta autora ilustra essa hipótese com um exemplo de Kovecses (2002), o qual mostra que o domínio meta das emoções é geralmente conceitualizado em termos do domínio fonte das mudanças fisiológicas no corpo.

Alguns autores que acreditam e defendem a universalidade de muitas metáforas, principalmente as primárias, por serem fruto do experimentalismo, são: Lakoff e Johnson (1980), Johnson (1987), Kovecses (2002), Grady (1997)². Essa hipótese teórica da universalidade de determinadas metáforas ganha força, principalmente nos estudos da lingüística cognitiva. Contudo, ela revela-se muito polêmica, na área dos estudos metafóricos.

Gibbs (1999), dentre outros teóricos, refuta a idéia de que experiências corpóreas aparentemente universais possam ser interpretadas, do mesmo modo, em diferentes culturas. Assim, ele argumenta que:

Não se pode falar sobre ou estudar cognição sem considerar nossas interações específicas corporificadas com o mundo cultural (o que quer dizer que o mundo físico é indissociável do cultural, no sentido de que, o que entendemos como significativo no mundo físico é altamente limitado pelas nossas crenças e valores culturais) (Gibbs 1999, 153).

Na citação acima é perceptível a crença de que mesmo as experiências físicas se realizam dentro de um conjunto de pressuposições culturais. Assim, a segunda corrente de pensamento sobre metáfora, por sua vez, amplia a noção de corporeidade, situando a cognição em contextos determinados socio-culturalmente e enfatizando a especificidade cultural, bem como a relatividade lingüística. Nessa concepção de natureza cultural estariam as metáforas complexas, já que um determinado domínio complexo experimental não se encontra igualmente disponível para um mapeamento metafórico em todas as culturas.

2 Embora estes autores também reconheçam a importância da cultura, no estudo das metáforas, não elaboram esse aspecto com detalhes, em suas obras.

Kovecses (2005), partindo do pressuposto de que o pensamento metafórico é fundamentado em experiências baseadas no funcionamento do corpo humano e do cérebro, e que, neste sentido, os seres humanos são iguais, argumenta que a maioria das metáforas conceituais usadas seriam universais. Para ele, isso acontece não só com as metáforas primárias, como também com as complexas, desde que fundamentadas em experiências humanas universais. Todavia, apesar de acreditar que algumas metáforas são potencialmente universais, compartilha da idéia de que outras variam não só entre culturas, como dentro de uma mesma cultura, sendo, ao mesmo tempo, conceitual, lingüística, neuro-corpórea e sociocultural.

Yu (2008, 388-389) sugere que “metáfora, corpo e cultura possam formar ‘uma relação circular em torno de uma tríade’”, isto é, “as metáforas conceituais são geralmente embasadas em experiências corpóreas; os modelos culturais, entretanto, filtram essas experiências para domínios fonte específicos de metáforas conceituais”, sendo eles próprios frequentemente estruturados por metáforas conceituais. Neste sentido, qualquer um dos três elementos do triângulo que restringir o próximo elemento, afetará também o terceiro. Dessa feita,

a cultura, ao interpretar experiências corpóreas, afeta a formação das metáforas conceituais; o corpo, ao estabelecer mapeamentos metafóricos, afeta a compreensão cultural; e a metáfora, ao estruturar os modelos culturais, afeta a compreensão das experiências corpóreas (Yu 2008, 389).

Ibarretxe-Antuñano (2008), em uma pesquisa na qual investiga uma das metáforas consideradas universal, isto é, a ligação conceitual entre a visão e o intelecto (verbos de percepção de sentidos), conclui não só que essa ligação não é totalmente universal, como também que a cognição é culturalmente estabelecida. Assim, as propriedades aplicadas a um sentido, em uma cultura, poderiam ser aplicáveis a um sentido diferente, em outra cultura.

Autores que defendem os aspectos socioculturais da metáfora ressaltam que a força da teoria cognitiva da metáfora está justamente na ligação entre o cognitivo e o cultural. Conclui-se, desse modo, que o que é universal ou cultural nas metáforas conceituais é bastante complexo, além de ser uma questão muito polêmica nos estudos da lingüística cognitiva.

5. MATERIAL E MÉTODOS. O *corpus* selecionado, para a elaboração de um glossário, é formado por expressões idiomáticas corporais italianas, contidas em lexias relativas à parte superior do corpo humano (da cintura para cima), presentes em cinco dicionários monolíngües gerais de língua italiana. Essas cinco obras são: Zingarelli, Zanichelli Professional, Garzanti, Devoto e Oli, e De Mauro, conforme constam da bibliografia. O critério utilizado para a seleção dessas EIs ficou definido como sendo a frequência com que elas aparecem registradas nas cinco obras consultadas, bastando, para sua escolha, que estejam registradas em pelo menos duas delas.

6. GLOSSÁRIO

6.1. ESTRUTURAÇÃO DO GLOSSÁRIO (MACROESTRUTURA). Para a elaboração deste glossário de EIs, partimos de um total de 25 lexias (*bocca, braccio, capello, capo, cera, ciglio, costola, faccia, fronte, gomito, guancia, labbro, mano, mento, naso, occhio, orecchio, palma di mano, petto, polso, schiena, seno, spalla, testa e volto*), as quais foram organizadas em verbetes, por ordem alfabética (tanto as lexias, quanto as EIs presentes em cada uma delas).

Considerando a nossa proposta de elaborar um glossário fraseológico, os idiomatismos, que nos dicionários de língua geral fazem parte do conteúdo descrito nos verbetes de cada lexia, ascendem e assumem o papel de entradas. Suas definições e equivalentes passam a constituir o verbe de cada nova lexia, obedecendo à localização, na obra, segundo a ordem alfabética da primeira letra de cada uma das expressões.

Desse modo, nosso *corpus* foi composto por mais de 450 expressões, as quais deram origem aos verbetes.

6.2. ESTRUTURAÇÃO DOS VERBETES (MICROESTRUTURA). A microestrutura de cada verbe foi estruturada da seguinte forma, sendo raro aquele que apresenta todos os seis tipos de informações:

1. registro da EI italiana;
2. registro de variantes (entre parênteses);
3. o equivalente da EI italiana, em português;
4. a definição da EI, em língua portuguesa, por meio de linguagem denotativa;

5. as expressões sinônimas (quando há), por meio da indicação VER (re-missiva).
6. os equivalentes no português europeu/lusitano (quando encontrado), por meio da indicação (Lus.).

Abaixo apresentamos três exemplos de verbetes, indicando-lhes as partes com o auxílio dos números de 1 a 6. O primeiro exemplo só não contempla a informação de número 5 (a remissiva). Já os exemplos 2 e 3 não contemplam as informações de número 2 (as variantes). Observe-se:

- (1)
 1. *Rimanere (restare) con un palmo (con tanto) di naso.*
 2. Em 1., leiam-se as expressões: *Rimanere* ou *restare con un palmo di naso* e *Rimane-re* ou *restare con tanto di naso*.
 3. Ficar (estar) de tromba; Fazer tromba; Ficar emburrado; Ficar de cara amarrada (fechada); Ficar a ver navios.
 4. Ficar profundamente desiludido, amargurado ou insatisfeito, por promessas não mantidas ou por esperanças perdidas.
 6. (Lus.) Ficar com o nariz como uma pistola; Ficar com cara de asno.
- (2)
 1. *Volgere la fronte.*
 3. Dar no pé; Cair fora.
 4. Fugir.
 5. VER: *Voltare la schiena.*
 6. (Lus.) Dar às tranças; Dar às botas; Abrir o arco.
- (3)
 1. *Giudicare a lume di naso.*
 3. Julgar às cegas.
 4. Julgar de maneira instintiva.
 5. VER: *Andare a naso.*
 6. (Lus.) Medir pela sua bitola.

A seguir, apresentamos dos verbetes comentados, conforme constam do glossário:

- (4)
 1. *Rimanere (restare) con un palmo (con tanto) di naso.* Ficar (estar) de tromba; Fazer tromba; Ficar emburrado; Ficar de cara amarrada (fechada); Ficar a ver navios. Ficar profundamente desiludido, amargurado ou insatisfeito, por promessas não mantidas ou por esperanças perdidas.
(Lus.) Ficar com o nariz como uma pistola; Ficar com cara de asno.
- (5)
 2. *Giudicare a lume di naso.* Julgar às cegas. Julgar de maneira instintiva. VER: *Andare a naso.*
(Lus.) Medir pela sua bitola.

7. ANÁLISE DAS METÁFORAS

7.1. METÁFORAS IGUAIS E SEMELHANTES VEICULADAS NAS EIs. A seguir, vamos tecer alguns comentários sobre as metáforas subjacentes a algumas expressões idiomáticas. Essas relações metafóricas surgem, muitas vezes, da relação existente entre as características, funções e ações desempenhadas por cada uma das partes do corpo, pertencentes de forma inata a todo ser humano que não possua algum problema congênito de malformação. Assim, com base em características de algumas partes do corpo humano, bem como em funções e ações desempenhadas por elas, vejamos a quais EIs deram origem. Observe-se:

Bocca (boca): A boca, juntamente com a língua, é responsável pela comunicação do ser humano, exercendo, também, outras funções, como a de aguçar o apetite, de comer, de beber, etc. Dessa feita, com base em suas funções primordiais, como a de se comunicar, e a de comer/beber, por exemplo, as metáforas conceituais principais subjacentes às expressões idiomáticas arroladas são: A BOCA É UM RECIPIENTE; AS PALAVRAS SÃO OBJETOS; A COMUNICAÇÃO É O TRANSPORTE DESSE OBJETO. (Percebe-se, ainda, a presença da metonímia ÓRGÃO POR FUNÇÃO).

El italiana	El equivalente em português	Definição
<i>Cavare (strappare) [le parole] di bocca a qualcuno.</i>	<i>Arrancar [as palavras] da boca de alguém.</i>	Conseguir que alguém fale algo, depois de muito trabalho.
<i>Tirar fuori di bocca qualcosa a qualcuno.</i>	<i>Arrancar (algo) da boca de alguém.</i>	Esforçar-se para fazer alguém dizer/revelar algo.
<i>Lasciarsi sfuggire (uscire, scappare) qualcosa di bocca.</i>	<i>Deixar escapar algo da boca / Dar (bater) com a língua nos dentes*.</i>	Dizer aquilo que não queria, falar sem querer.
<i>Mettere [le parole] in bocca a qualcuno.</i>	<i>Pôr as palavras na boca de alguém.</i>	Sugerir o que alguém deve dizer.
<i>Avere sempre in bocca [una parola, qualcuno o qualcosa].</i>	<i>Ter sempre na boca [uma palavra, alguém ou algo].</i>	Falar sempre de algo ou alguém.
<i>Essere (andare) sulla bocca di tutti.</i>	<i>Estar na boca de todos.</i>	Ser assunto das conversas ou fofocas.
<i>Non chiudere bocca.</i>	<i>Não fechar o bico (a boca).</i>	Não parar de falar.
<i>Chiudere (cucire) la bocca a qualcuno.</i>	<i>Fechar (costurar) a boca de alguém.</i>	Fazer ficar em silêncio.
<i>Tenere la bocca chiusa.</i>	<i>Ficar de boca fechada (calada).</i>	Ficar em silêncio.

(*) As EIs marcadas com um asterisco correspondem a variantes diferentes das EIs identificadas como sendo iguais ou semelhantes, no italiano e no português.

Quadro 1: EIs com a lexia *boca* em italiano e português, metáforas da comunicação.

Assim, a comunicação pode se dar quando este objeto: é retirado/arancado do recipiente (*Cavare [strappare] le parole di bocca a qualcuno; Tirar fuori di bocca qualcosa a qualcuno; Lasciarsi sfuggire [uscire, scappare] qualcosa di bocca*), é transportado até ele (*Mettere [le parole] in bocca a qualcuno*), está dentro dele (*Essere [andare] sulla bocca di tutti; Avere sempre in bocca [una parola, qualcuno o qualcosa]*), ou ainda, quando o recipiente está aberto (*Non chiudere bocca*). O recipiente fechado, por sua vez, significa a falta de comunicação (*Tenere la bocca chiusa; Chiudere [cucire] la bocca a qualcuno*).

Encontramos, ainda, EIs idênticas ou semelhantes, nos dois idiomas, que fazem também referência à metáfora A BOCA É UM RECIPIENTE, mas desta vez relacionada à função alimentação/sustento:

El italiana	El equivalente em português	Definição
<i>Far venire (avere) l'acquolina in bocca.</i>	<i>Dar (estar com) água na boca.</i>	Estimular o apetite; despertar o desejo de possuir algo.
<i>Lasciare (restare) a bocca asciutta.</i>	<i>Deixar (ficar, estar) de bico seco / estar com o estômago nas costas*.</i>	Ficar sem comer ou beber.
<i>Togliarsi il pane di bocca.</i>	<i>Tirar o pão da boca.</i>	Fazer grandes sacrifícios por alguém.
<i>Essere di bocca buona.</i>	<i>Ter boca boa, ser bom de boca / ser bom de garfo* / ser um bom garfo*.</i>	Comer de tudo, sem preferências.

(*) As EIs marcadas com um asterisco correspondem a variantes diferentes das EIs identificadas como sendo iguais ou semelhantes, no italiano e no português.

Quadro 2: EIs com a lexia *boca* em italiano e português, metáforas da alimentação/sustento.

Para não nos estendermos muito na análise, faremos uma apresentação sucinta de algumas daquelas EIs que, tendo surgido a partir de lexias relacionadas a determinadas partes do corpo humano, suas metáforas subjacentes foram, em grande parte, motivadas pelas características que essas partes do corpo humano apresentam, bem como pelas funções/ações que elas permitem ao homem desempenhar/realizar na vida quotidiana:

a. *Braccio* (braço): Os braços, dentre suas várias funções, estão associados ao trabalho. Assim, dão origem a EIs que encerram metáforas do tipo: MOVIMENTO É AÇÃO e BRAÇO É TRABALHO/AJUDA/FORÇA (devido à metonímia ÓRGÃO POR FUNÇÃO). Assim, temos: *essere il braccio destro*

di qualcuno (ser o braço direito/forte de alguém); *sentirsi cascare le braccia* (sentir/deixar cair os braços); *incrociare le braccia* (cruzar os braços); *avere le braccia legate* (estar de mãos atadas); *avere buone braccia* (ter bons braços / ser um burro de carga*; ser um burro de trabalho*; trabalhar como um burro*).

b. *Mano* (mão): dentre as funções associadas às mãos estão trabalhar, agir, ajudar, gastar dinheiro, praticar ações (des)onrosas ou (des)onestas, roubar, conforme se verifica pelos exemplos. As metáforas conceituais nas quais estas expressões estão apoiadas são: MOVIMENTO É AÇÃO e MÃO É TRABALHO (devido à metonímia ÓRGÃO POR FUNÇÃO). Assim, temos: *avere le mani legate* (estar de mãos atadas/amarradas); *dare una mano* (dar uma mão); *avere le mani nette/pulite* (ter as mãos limpas); *imbrattarsi/sporcarsi le mani* (sujar as mãos); *avere le mani sporche* (ter as mãos sujas); *avere le mani sporche di sangue* (ter as mãos sujas de sangue).

c. *Occhio* (olho): órgão da visão associado às funções de olhar, observar, vigiar, analisar, dentre outras, remetendo, portanto, à metáfora conceitual de FUNÇÃO É AÇÃO. Dá origem a EIs como: *essere tutt'occhi* e *aver l'occhio a tutto* (ser todo-olhos e andar de olho em tudo / abrir os olhos*; ficar de olho aberto para tudo*).

d. *Orecchio* (ouvido, orelha): é o órgão utilizado para o sentido da audição, ou seja, para a percepção dos sons, como a fala de alguém, dentre outros valores. E, nesse sentido, a ausência de desempenho desta função deu origem a EIs com o sentido de indiferença. Assim, algumas metáforas conceituais relacionada a esta parte do corpo são: O OUVIDO É UM RECIPIENTE e FUNÇÃO É AÇÃO. Assim, temos expressões do tipo: *essere tutt'orecchi* (ser todo-ouvidos); *entrare da un orecchio e uscire dall'altro* (entrar por um ouvido e sair pelo outro); *turarsi (tapparsi) gli orecchi* (tapar/fechar os ouvidos).

e. *Testa* ou *capo* (cabeça): Por alojar o cérebro, sua função principal está relacionada à memória, ao controle emocional, ao juízo e à inteligência. Assim, as metáforas conceituais nas quais estas expressões se baseiam são: A CABEÇA É UM RECIPIENTE; AS IDÉIAS SÃO OBJETOS QUE PODEM ESTAR DENTRO OU FORA; POSIÇÃO É FUNÇÃO; A cabeça é sede

da razão e da inteligência, devido à metonímia ÓRGÃO POR FUNÇÃO. Observe-se as EIs: *riempire la testa* (encher a cabeça); *avere la testa vuota* (ter a cabeça vazia/oca; ser cabeça de coco*); *non avere più la testa* (não ter cabeça); *mettere la testa a posto* ou *mettere il capo a partito* (colocar a cabeça no lugar; criar juízo*); *avere/vivere con la testa fra le nuvole* (ter/viver com a cabeça nas nuvens); *perdere la testa [per qualcuno]* (perder a cabeça [por alguém]).

Vimos que certas características e funções de determinadas partes do corpo humano motivaram o surgimento de muitas EIs, devido às próprias ações que elas permitem ao ser humano desempenhar. Assim, percebe-se que a linguagem não reflete um mundo externo objetivo e independente da observação e experiência dos seres humanos. Ao contrário, ela está intrinsecamente ligada a eles, refletindo as estruturas conceituais com base no conhecimento e experiência adquiridos no mundo que os cerca. Daí conclui-se que essa linguagem metafórica é, pelo menos em parte, motivada.

Pelo exposto, é nítido que as EIs somáticas se apresentam, em grande parte, como iguais ou semelhantes nas línguas italiana e portuguesa. Vejamos, em seguida, aquelas que se apresentam como diferentes, nos dois idiomas.

7.2. METÁFORAS E ESTRUTURAS DIFERENTES VEICULADAS NAS EIs. Durante a comparação entre as EIs das culturas italiana e brasileira, percebeu-se que uma parcela delas apresentaram elementos diferentes que as tornaram distintas umas das outras, tanto sintática, quanto metaforicamente. Observe-se nos exemplos a seguir:

El italiana	Tradução literal	El do português	Definição
<i>Scegliere capo per capo.</i>	Escolher cabeça a cabeça.	<i>Escolher a dedo.</i>	Escolher detalhadamente.
<i>Essere la testa di turco (di qc.).</i>	Ser a cabeça de turco.	<i>Ser o bode expiatório.</i>	Ser o alvo, a vítima.
<i>Avere un diavolo per capello.</i>	Ter um diabo por cabelo.	<i>Ter cabelo nas ventas; Estar com a macaca.</i>	Estar muito irritado ou mal-humorado.
<i>Avere le braccia lunghe.</i>	Ter os braços compridos.	<i>Ser o manda-chuva.</i>	Ter grande poder e influência.
<i>Non ricordarsi dalla bocca al naso.</i>	Não se lembrar da boca ao nariz.	<i>Ter memória curta; Ter memória fraca.</i>	Esquecer muito facilmente.

El italiana	Tradução literal	El do português	Definição
<i>Avere gli orecchi forderati di prosciutto.</i>	Ter as orelhas forradas com presunto.	<i>Entrar por um ouvido e sair pelo outro.</i>	Recusar-se a escutar, não querer ouvir.

Quadro 3: Exemplos de EIs formalmente e semanticamente distintas.

Percebe-se que essas EIs descritas são bastante distintas nos dois idiomas, tanto que deram origem a equivalentes morfológica, semântica e metaforicamente diferentes. Algumas delas encerram metáforas bastante complexas; por isso, é difícil descobrir o que motivou a sua criação, como é o caso das EIs *Avere un diavolo per capello* e *Non ricordarsi dalla bocca al naso*.

Por outro lado, há expressões que são morfológica e semanticamente distintas, nos dois idiomas, mas cujas metáforas, por fazerem referência à mesma experiência humana, são perfeitamente compreensíveis, sendo possível, inclusive, descobrir o que motivou a sua origem. Contudo, são formalmente distintas nas duas línguas. É o caso de expressões como: *ri-manere [restare] con un palmo [con tanto] di naso* (tradução literal: “ficar com um palmo de nariz”; equivalentes: *ficar [estar] de tromba, fazer tromba, ficar emburrado, ficar de cara amarrada [fechada]*; motivação: a pessoa emburrada fica com a cara ou com o nariz comprido); *avere ancora il latte in bocca* (tradução literal: “ter ainda o leite na boca”; equivalente: *cheirar [ainda] a leite*; motivação: os inexperientes, assim como os bebês, alimentam-se com comida leve, porque ainda estão “engatinhando” na vida; só com o passar dos anos, com a chegada da experiência, começam a nutrir-se de alimentos mais fortes/pesados); *avere le mani lunghe* (tradução literal: “ter as mãos compridas”; equivalentes: *passar [mandar] a mão em, ter mão leve, fazer mão de gato, fazer mão baixa*; motivação: aquele que tem a mão comprida consegue alcançar objetos de outrem e adquiri-los para si, desonestamente); *avere la mano larga / essere largo di mano* (tradução literal: “ter a mão larga”; “ser largo de mão”; equivalente: *ser mão-aberta*; motivação: aquele que tem a mão larga ou aberta é generoso, pois nela cabe todo o dinheiro que compartilha com os outros); *non sentirci da un [da quell'] orecchio* (tradução literal: “não ouvir de um [daquele] ouvido”; equivalente: *fazer-se de desentendido*; motivação: ao se dizer que é surdo de um dos ouvidos, quer-se comunicar ao interlocutor que de nada adiantará fazer longos discursos porque não serão ouvidos).

Embora nem sempre seja fácil recuperar quais foram as imagens mentais que motivaram o surgimento das metáforas subjacentes às EIs per-

tencentas às línguas, essas diferenças justificam-se pelas diferenças culturais existentes entre as diferentes nações.

8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS. Na presente pesquisa, fizemos uma comparação interlinguística das metáforas presentes nas EIs e as separamos em idênticas (ou semelhantes) e diferentes. Consideramos iguais as EIs que apresentam estruturas e sentidos idênticos; semelhantes, aquelas que possuem uma metáfora idêntica, mas que a estrutura morfossintática evidencia pequena divergência entre as línguas; e diferentes, as EIs que se distinguem em nível morfossintático, semântico e metafórico.

Nesse momento, relembramos as já citadas autoras, Tonfoni e Turbinati (1995), que, ao analisarem o grau de dedutibilidade de sentido que alguns fraseologismos apresentam, classificam-nos em *expressões com alta dedutibilidade de sentido*, *expressões com média dedutibilidade*, e *expressões com baixa ou nula dedutibilidade*. Assim, a partir dos nossos dados, exemplificamos os três níveis de compreensão das EIs propostos por Tonfoni e Turbinati (1995), com as expressões listadas no quadro 4:

El italiana	Tradução literal	El do português	Definição
Metáfora de fácil dedução			
<i>Dare una mano.</i>	Dar uma mão.	<i>Dar uma mão; dar uma mãozinha.</i>	Ajudar.
Metáfora de dedução mediana			
<i>Far venire l'acquolina in bocca.</i>	Fazer vir baba à boca.	<i>Ficar com água na boca.</i>	Estimular o apetite; despertar o desejo de possuir algo.
Metáfora de difícil dedução			
<i>Avere un diavolo per capello.</i>	Ter um diabo por cabelo.	<i>Ter cabelo nas ventas; Estar com a macaca.</i>	Estar muito irritado ou mal-humorado.

Quadro 4: Exemplos de EIs com diferentes graus de dedutibilidade de sentido.

Os resultados de nossa investigação mostraram que das 464 EIs italianas analisadas, cerca de 268 (aprox. 60%) são metaforicamente iguais ou semelhantes nas línguas italiana e portuguesa (na variante brasileira) e 196 (aprox. 40%) são metaforicamente diferentes, conforme quadro a seguir:

Verbetes italianos	Tradução	Iguais	Semelhantes	Diferentes
<i>Bocca</i>	Boca	14	9	19
<i>Braccio</i>	Braço	5	9	2
<i>Capello</i>	Cabelo	2	6	11
<i>Capo</i>	Cabeça	12	10	11
<i>Cera</i>	Semblante	1	1	3
<i>Ciglio</i>	Cílio	0	0	2
<i>Costola</i>	Costela	1	0	4
<i>Faccia</i>	Cara	7	5	9
<i>Fronte</i>	Testa	9	4	4
<i>Gomito</i>	Cotovelo	0	0	2
<i>Guancia</i>	Bochecha	0	1	1
<i>Labbro</i>	Lábio	2	5	5
<i>Mano</i>	Mão	22	6	13
<i>Mento</i>	Queixo	0	0	1
<i>Naso</i>	Nariz	5	3	21
<i>Occhio</i>	Olho	41	9	27
<i>Orecchio</i>	Ouvido, orelha	13	3	11
<i>Palma di mano</i>	Palma da mão	3	0	0
<i>Petto</i>	Peito	2	1	4
<i>Polso</i>	Pulso, punho	1	1	1
<i>Schiena</i>	Costas	0	1	5
<i>Seno</i>	Seio	4	0	0
<i>Spalla</i>	Ombro	7	4	7
<i>Testa</i>	Cabeça	26	11	33
<i>Volto</i>	Rosto	2	0	0
Total (100%)	464	179	89	196

Quadro 5: Contagem das EIs.

A nossa hipótese para a proporção de EIs em que as metáforas são iguais ou semelhantes nas duas línguas pode ser justificada graças à existência de aspectos comuns a determinadas línguas. Os itens lexicais que designam o corpo humano —com o qual o homem lida constantemente— bem como as EIs que surgem a partir deles, parecem possuir, em certo grau, uma identidade na expressão de suas metáforas. Isso é devido ao fato de boa parcela das metáforas subjacentes a essas EIs levar em conta, em sua constituição, as características e funções inerentes a cada uma das partes do corpo, bem como as ações que são realizadas pelo ser humano por meio delas.

Outro fator que também nos parece relevante para justificar as semelhanças entre as expressões é a influência românica exercida entre os povos de diversas partes do mundo, o que proporcionou às línguas italiana e portuguesa um berço comum, isto é, o latim vulgar.

Ademais, não devemos ignorar os contatos que têm sido regularmente estabelecidos entre a comunidade falante de língua portuguesa e a comunidade italiana, devido à proximidade geográfica Itália-Portugal. E nesse ponto, salientamos, ainda, a influência exercida pela língua italiana sobre a variante brasileira da língua portuguesa, nos últimos dois séculos, com a chegada dos imigrantes italianos ao Brasil.

Por outro lado, a proporção de EIs em que as estruturas e metáforas são diferentes nas duas línguas pode ser justificada pela possibilidade infinita de criação de EIs pelos falantes de cada idioma, visto que os usuários de uma língua fazem um recorte do mundo à sua maneira, delineado basicamente por elementos de sua cultura.

Assim, ao analisarmos o nosso *corpus*, podemos notar que boa parte das metáforas presentes nas EIs italianas estudadas encontram equivalentes idiomáticos idênticos ou semelhantes em português. Procurando algumas dessas EIs em outras línguas estrangeiras, como o francês, o espanhol e até mesmo o inglês, percebe-se que algumas delas também são idênticas ou apresentam certa semelhança com EIs que já investigamos no português e no italiano.

Portanto, pelas discussões apresentadas, não parece absurdo pensar na existência de uma “certa universalidade”, entre algumas línguas, no que respeita a alguns domínios conceituais. Observe que o que estamos chamando de “universal metafórico”, aqui, tem sentido restrito, já que se refere a aspectos iguais ou semelhantes observáveis apenas em alguns idiomas, de origem comum, e não entre todos. Kovecses (2005) acredita que algumas metáforas conceituais são potencialmente universais, uma vez que são fundamentadas em experiências baseadas no funcionamento do corpo e do cérebro humano e que, sendo os seres humanos iguais, a mente humana também apresentaria aspectos universais. Contudo, não temos base científica para esse tipo de afirmação, já que investigamos apenas duas línguas, o que não nos autoriza a fazer tal afirmação.

9. EXPRESSÃO IDIOMÁTICA NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES E NO ENSINO. Por muito tempo negligenciou-se, nas salas de aula de línguas, o ensino das chamadas expressões idiomáticas e ainda hoje sua abordagem é bastante discreta, tanto nos contextos de ensino, quanto nos livros-texto adotados em sala de aula.

No processo de ensino de uma língua estrangeira, é imprescindível fornecer as ferramentas para que o aprendiz domine um repertório de

fraseologismos frequentes, uma vez que compreender e saber usar uma vasta gama dessas combinatórias representa um grande avanço para aqueles que almejam alcançar níveis mais elevados de proficiência linguístico-comunicativa no idioma estrangeiro.

Roberts (1996), ao tratar da importância das unidades idiomáticas nos dicionários bilíngües afirma que:

Assimilamos estas unidades chamadas idiomáticas mais ou menos por osmose, na própria língua (sua língua dominante), mas, geralmente, este não é o caso em uma segunda língua ou língua estrangeira, em que é necessário aprendê-las conscientemente. Assim, os dicionários bilíngües, cuja principal finalidade é permitir àqueles que trabalham com uma segunda língua ou língua estrangeira decodificar ou codificar um texto nessa língua, devem atribuir um papel importante a este tipo de unidade em sua microestrutura (Roberts 1996, 1).

Assim como Roberts assevera a importância de o dicionário bilíngüe registrar as expressões idiomáticas da língua, afirmamos a relevância de dar um tratamento especial a essas unidades em sala de aula.

Roberts (1996), ainda, a propósito das escolhas das colocações e das expressões idiomáticas a serem feitas para a inclusão nos dicionários bilíngües, afirma que, nos casos em que há necessidade de se fazer uma restrição de conteúdos, o lexicógrafo deve priorizar as unidades de uma língua que não são coincidentes na outra, eliminando, assim, “aquelas que são traduzidas ‘diretamente’”, conforme atesta a citação a seguir:

É bem conhecido o fato de que as colocações e as expressões idiomáticas são particulares de uma dada língua e de que não existem regras que indiquem ao usuário se uma colocação ou expressão cristalizada em uma língua é tratada de maneira semelhante do ponto de vista semântico em uma outra língua. É evidente que o lexicógrafo deve dar prioridade às unidades que não coincidem de uma língua à outra (Roberts 1996, 8-9).

Em caso de necessidade de se fazer restrições nos dicionários bilíngües, concordamos com as ponderações feitas por Roberts (1996), embora acreditemos que, tanto os dicionários quanto o contexto de ensino ideais, não devessem priorizar apenas as expressões idiomáticas cuja compreensão apresentasse maior grau de dificuldade na outra língua. Isso porque, como ele mesmo afirma, “não existem regras que indiquem ao usuário se uma colocação ou expressão cristalizada em uma língua é tratada de maneira semelhante, do ponto de vista semântico, em uma outra língua”, isto é, os consulentes e aprendizes não dispõem de elementos para deduzir ou concluir o que é igual e que, portanto, pode ser “copiado” da outra

língua por ser idêntico, ou aquilo que é diferente e que, por isso, merece ser priorizado. Daí surge a dificuldade de se saber, por exemplo, quais EIs não constam do dicionário porque são iguais, na outra cultura, e quais não foram registradas porque não existem mesmo, no outro idioma.

Portanto, por considerarmos imprescindível apresentar aos aprendizes também as EIs que são iguais ou semelhantes, nas duas línguas, e não apenas aquelas que são diferentes, como postula Roberts, é que acreditamos que nossa pesquisa traz uma contribuição significativa para o aprendiz brasileiro de italiano como língua estrangeira ou mesmo para o aprendiz italiano de português do Brasil, uma vez que descrevemos e traduzimos, para o português, centenas de expressões idiomáticas somáticas do italiano.

Pelas discussões apresentadas, percebe-se que não é tarefa fácil aprender ou ser competente, ainda que razoavelmente, no que se refere ao emprego correto de fraseologismos, na língua estrangeira que se aprende. Nos contextos de ensino e aprendizagem de línguas, a ênfase voltada aos fraseologismos (quando há), parece estar presente, mais especificamente, nos níveis mais elevados, inclusive nos livros-texto as EIs aparecem em materiais elaborados aos níveis mais avançados de aprendizagem.

Assim, dada a sua complexidade, cabe ao professor introduzir essas combinações desde os níveis iniciais de ensino.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS. Na comparação de EIs da língua italiana e portuguesa, na variante brasileira, observou-se que, boa parte das EIs equivalentes apresentaram metáforas coincidentes (iguais ou semelhantes) nas duas línguas. Exemplo: *avere le mani pulite* = *ter as mãos limpas* (ser honesto); *avere le mani sporche* = *ter as mãos sujas* (ser desonesto); *dare una mano* = *dar uma mão* (ajudar).

O corpo humano parece ser um dos paradigmas mais apropriados para esse tipo de reflexão, pois várias EIs multilíngües se comportam como *dar uma mão*, da língua portuguesa, que tem a conotação de ajudar, auxiliar, e se manifesta como *dare una mano* (em italiano), *donner une main* (em francês), *echar (dar) una mano* (em espanhol); *to give a hand* (em inglês), diferentemente da lexia *porta*, por exemplo, que muito provavelmente não possui a conotação de “ignorância”, em nenhuma outra língua estrangeira, como no caso da EI brasileira *ser burro como uma porta*.

Essa reflexão pode nos levar a crer na provável existência de universais metafóricos entre línguas —como postulam alguns autores—, principalmente em se tratando de paradigmas como o corpo humano. Contudo, este estudo nos permitiu apenas verificar que esses dois idiomas compartilham de muitas concepções metafóricas comuns, no que tange às expressões idiomáticas corporais.

Feitas essas considerações, voltamos a enfatizar a necessidade de se ensinar essas combinações desde os níveis iniciais de ensino, propiciando situações de ensino/aprendizagem mais reais, visto que as expressões idiomáticas são utilizadas de modo recorrente no uso cotidiano das línguas maternas e estrangeiras, quer em situações formais, quer em contextos informais.

Por serem idiomáticas, uma parcela das EIs (aquelas que possuem baixa ou nula dedutibilidade) não é facilmente compreendida pelos aprendizes da língua estrangeira, justamente pelo fato de o seu sentido não poder ser estabelecido com base nos significados individuais de seus componentes; por isso necessitam ser bem ensinadas. Mas defendemos a idéia de que atenção deve ser dada também às expressões que são idênticas em ambas as línguas, justamente porque não há regras nem indícios que apontem quando uma determinada EI tem comportamento semântico e metafórico igual ao outro idioma.

Portanto, para que o aprendiz assimile as expressões idiomáticas da língua estrangeira, é necessário que ele seja envolvido em atividades focadas na aprendizagem desses fraseologismos linguísticos e que reflita tanto sobre o conteúdo formal quanto metafórico deles, ampliando, assim, sua compreensão de que essas combinatórias revelam formas próprias de interpretar o mundo de cada comunidade falante.

RECONHECIMENTO

Pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2010/15406-4.

BIBLIOGRAFIA

- Casares, Julio. 1950 [1992]. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: CSIC.
- Corpas Pastor, Gloria. 1996. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.
- De Mauro, Tullio. 2000. *Il dizionario della lingua italiana*. CD-ROM. Torino: Paravia.
- Devoto, Giacomo e Gian Carlo Oli. 1994. *Dizionario Devoto-Oli: il dizionario della lingua Italiana*. CD-ROM. Milano: Mondadori.

- Garzanti. 2004. *Il grande dizionario Garzanti*. CD-ROM. Milano: Garzanti Linguistica.
- Gibbs, Raymond W. (Jr.) e Gerard J. Steen, eds. 1999. *Metaphors in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- Grady, Joseph E. 1997. "THEORIES ARE BUILDINGS revisited". *Cognitive Linguistics* 8: 267-290.
- Ibarretxe-Antuñano, Iraide. 2008. "Vision metaphors for the intellect: Are they really cross-linguistic?". *Atlantis, Journal of Association of Anglo-American Studies* 30.1: 15-33.
- Johnson, Mark. 1987. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kövecses, Zoltán. 2002. *Metaphor: A practical introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- . 2005. *Metaphor in culture: Universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press
- Lakoff, George e Mark Johnson. 1980. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press.
- . 2002. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação da tradução, Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercados de Letras.
- Roberts, Roda P. 1996. "Le traitement des collocations et des expressions idiomatiques dans les dictionnaires bilingues". Em *Les dictionnaires bilingues*, org. Philippe Thoiron e Henri Béjoint, 181-197. Louvain-La-Neuve: Duculot.
- Roncolato, Eliane. 1996. "Estudo comparativo das expressões idiomáticas do português e do espanhol". Dissertação de Mestrado em Filologia e Linguística Portuguesa, Universidade Estadual Paulista (Assis).
- Sabino, Marilei Amadeu. 2010a. "Provérbios e expressões idiomáticas: desfazendo confusões teóricas e práticas". Em *Estudos em lexicologia e lexicografia contrastiva*, organizado por Claudia Maria Xatara, 129-152. Curitiba: Honoris Causa.
- . 2010b. "Expressões idiomáticas, provérbios e expressões idiomáticas proverbiais: iguais, semelhantes ou diferentes?". Em *O léxico em foco: Múltiplos olhares*, 331-347. São Paulo: Cultura Acadêmica/Fundação Editora da Unesp (FEU).
- Tagnin, Stella Ortweiller. 1989. *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática.
- Tonfoni, Graziella e Laura Turbinati. 1995. "Visualizzazione dei processi di traduzione: i proverbi e le espressioni idiomatiche". Em *La traduzione: Saggi e documenti*, II: 239-252. Roma: Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Divisione Editoria.
- Xatara, Claudia Maria. 1998. "A tradução para o português das expressões idiomáticas em francês". Tese de doutorado, UNESP (Araraquara).
- Yu, Ning. 2008. "The relationship between metaphor, body and culture". Em *Cognitive linguistics research: Body, language and mind*, editado por Roslyn M. Frank, Rene Dirven, Tom Ziemke e Enrique Bernárdez, 2: 387-408. Berlin: Walter de Gruyter.
- Zingarelli, Nicola. 1999. *Zanichelli professional*. Milano: Zanichelli.
- Zuluaga, Alberto. 1980. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Peter D. Lang.

Ariane Lodi

UNESP, Campus de São José do Rio Preto
ariri_vena@hotmail.com

Marilei Amadeu Sabino

UNESP, Campus de São José do Rio Preto
amadeusm@ibilce.unesp.br

Trabajo recibido el 24 de julio 2012 y aprobado el 11 de marzo de 2013.